

O PENSAR REFLEXIVO: UMA ANÁLISE À LUZ DE JOHN DEWEY

Disnah Barroso Rodrigues (UFPI)

GT 02 - Formação de Professores

RESUMO

O presente trabalho analisa o conceito de reflexão tomando como referencial a construção teórica elaborada pelo filósofo, psicólogo e pedagogo liberal norte-americano John Dewey. Nessa perspectiva buscamos compreender o sentido da reflexão uma vez que a mesma tem se tornado presente nos discursos oficiais e não-oficiais sempre que está em pauta discussão sobre a formação dos professores. Para tanto, partimos da pesquisa bibliográfica, centrando-nos nessa busca na obra do autor intitulada “Como pensamos”. Esse empreendimento tem, também, por finalidade explicitar o conceito de reflexão de Dewey, pois sabemos que o mesmo fundamenta as concepções que percebem o professor como prático reflexivo. Dewey é sempre citado como um dos teóricos que dá início a esse estudo, porém suas compreensões são pouco apresentadas. É, então, nesse sentido, que buscamos resgatar a construção teórica de Dewey sobre a reflexão. Podemos, então, observar que no seu pensamento já encontramos formulações para a superação da visão da racionalidade técnica. Em Dewey é possível perceber a valorização dos saberes da experiência quando ele relaciona o sentido da reflexão ao processo de pesquisa, considerando-o indispensável no desenvolvimento do ato educativo e, como consequência, entende o educador como intelectual.

PALAVRAS-CHAVE: Pensar – Pensar reflexivo – Professor reflexivo

INTRODUÇÃO

Ao consultarmos alguns estudos sobre o professor como profissional reflexivo-Schön (1992), Contreras (2002), Pérez Gómez e Sacristán (2000), Pimenta (2002), Garcia (2002), Oliveira (2001), entre outros – constatamos a sempre presente menção ao filósofo, psicólogo e pedagogo liberal norte-americano John Dewey, como pioneiro na consideração da reflexão como elemento indispensável ao processo de desenvolvimento do ato educativo.

Essa sempre presente referência despertou-nos a necessidade de investigarmos a construção teórica Deweyniana sobre a reflexão. Por isso, julgamos apropriada a seguinte indagação: qual o significado da reflexão para John Dewey?

A resposta a esta indagação só poderá ser efetuada no contato direto com a obra do autor para que possamos, então, compreender o sentido por ele elaborado para essa categoria e assim, dentro dos limites da nossa compreensão, fazermos sua explicitação com as considerações que se fizerem necessárias.

O nosso empreendimento para o presente trabalho se reveste de importância na medida em que são atuais e relevantes as discussões sobre a formação dos professores a partir do enfoque que considera a reflexão da prática como caminho importante para se pensar e repensar a formação de professores. É, pois, nesse sentido, que seguem as novas perspectivas de análise dessa questão.

Jonh Dewey e o pensamento reflexivo

Para Dewey (1959), a melhor maneira de se pensar é o que ele denomina de pensamento reflexivo, ou seja, “a espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva” (p.13). Fica aí evidenciado que ele faz uma distinção entre o ato de simples pensamento e o ato de pensar reflexivamente que, na sua consideração, é a melhor maneira de se pensar. Segundo Oliveira (2001), ele faz uma distinção entre o ato humano que é reflexivo e o que é rotina.

O pensar reflexivo para Dewey (1959) é uma cadeia, pois como observa “[...] em qualquer pensamento reflexivo, há unidades definidas, ligadas entre si de tal arte que o resultado é um momento continuado para um fim comum” (p.14). Ele afirma que o pensamento reflexivo visa a uma conclusão, deve sempre nos conduzir a algum lugar e, ainda, que o pensamento reflexivo nos impele a indagação, pois “[...] examinar até que ponto uma coisa pode ser considerada garantia para acreditarmos em outra, é, por conseguinte, o fator central de todo o ato de pensar reflexivo ou nitidamente intelectual” (p.20). Se o ato de pensar reflexivo é intelectual, podemos considerar que realmente em Dewey (1959) temos a indicação de que o educador, responsável por desenvolver mediante o ato pedagógico a capacidade reflexão, pode e deve refletir ele também sobre a sua prática, e, por conseguinte, constituir-se em intelectual¹, pois nesse sentido o intelectual é aquele que pensa reflexivamente.

Como abordamos anteriormente, o ato de pensar reflexivo se diferencia da forma de pensar rotineira, pois abrange um estado de dúvida e um ato de pesquisa, uma vez que envolve a necessidade de encontrar uma forma de resolver a dúvida. Diante desses dois elementos, a dúvida e a pesquisa, encontra-se o que o autor denomina fases do ato de pensar reflexivamente. Para ele o pensamento origina-se de alguma perplexidade, confusão ou dúvida. Diante de uma dificuldade o que ocorre em seguida é a busca de meios de dissipá-la através de sugestões, cuja fonte são nossas experiências passadas, que dão origem ao que hoje conhecemos como repertório de ação, ou seja, o que possuímos como “cabedal de conhecimentos úteis e disponíveis” (p.25). Dewey (1959), sobre as fases do ato de pensar, diz que:

Para pensar verdadeiramente bem, cumpre-nos estar dispostos a manter e prolongar esse estado de dúvida, que é o estímulo para uma investigação perfeita, na qual nenhuma idéia se aceite, nenhuma crença se afirme positivamente, sem que se lhes tenham descoberto as razões justificativas (p.25).

Ao defender o porquê do ato de pensar reflexivo dever se constituir em uma finalidade educacional, ele explicita três valores:

1. O ato de pensar possibilita a ação de finalidade consciente. Essa capacidade liberta o homem do pensar rotineiro. O pensamento torna os homens capazes de projetar, planejar tendo em vista realidades futuras, ou seja, situações que não são possíveis de alcançar no presente, que estão distantes, ausentes;

1. Sobre a análise atual dos professores como intelectuais consultar Os Professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem, de Henry A. Giroux.

2. O ato de pensar possibilita o preparo e a invenção sistemáticos. Pelo pensamento o homem aperfeiçoa, antecipa conseqüências resultantes de ações pensadas tanto no sentido da sua realização como no sentido de evitá-las;
3. Pensar enriquece as coisas com um sentido. O pensar dá significação às coisas.

Em Dewey (1959) encontramos também três importantes atitudes que devem ser cultivadas se temos como finalidade o desenvolvimento do pensar reflexivo, que são: espírito aberto – consiste em colocar-se numa atitude de disponibilidade para considerar o novo, abrir espaço para a circulação de novas perspectivas; de todo o coração – envolve a relação emocional, afetiva diante de uma causa, de um desafio, pois é importante que caminhe lado a lado do desenvolvimento intelectual o envolvimento, a disponibilidade de envolver-se com entusiasmo diante das situações que nos são apresentadas, dos desafios que surgem na nossa vida; responsabilidade – atitude necessária na análise das novas perspectivas, da novidade, uma vez que examina as conseqüências das decisões tomadas, dos passos projetados para assumi-los com responsabilidade, pois esses não deixam de constituir-se em escolhas, opções realizadas pelo sujeito.

Ainda na análise da natureza do pensar reflexivo, Dewey (1959) apresenta os recursos inatos, forças que agem sobre os indivíduos e para as quais podemos voltar quando temos como desafio desenvolver “a melhor forma de pensar”. São elas: a curiosidade, a sugestão e a ordem.

A curiosidade constitui-se, na sua visão, na tendência explorativa que é especialmente evidenciada na fase da infância. “Fator básico da ampliação da experiência, é, portanto, ingrediente primário dos germes que se desenvolverão em ato de pensar reflexivo” (DEWEY, 1959, p.45). Ela apresenta três níveis: o primeiro – curiosidade orgânica – consiste em contínua atividade de exploração e de verificação e pouco contém de atividade intelectual; o segundo nível é social, pois se desenvolve a curiosidade a partir de estímulos sociais, isto é, entra em cena a necessidade do outro para aumentar a experiência com destaque para a utilização da linguagem, recurso que será usado para aumento da experiência; a curiosidade intelectual será o último nível, elevando-se do plano orgânico e social para o intelectual”. [...] A curiosidade assume um caráter definitivamente intelectual quando, e somente quando, um alvo distante controla uma seqüência de investigação e observações, ligando-as umas às outras como meios para um fim” (DEWEY, p.47).

As sugestões são idéias que ocorrem espontaneamente originadas das nossas experiências passadas e possuem uma diversidade de aspectos ou dimensões, tais como: facilidade ou prontidão, entendidas como “[...] presteza ou facilidade com que surgem as sugestões ao se apresentarem objetos ou ao ocorrerem fatos” (DEWEY, 1959, p. 50); extensão ou variedade, relaciona-se ao número de sugestões apresentadas, devendo se procurar o equilíbrio entre a pobreza e a grande variedade de sugestões; altura ou profundidade, diz respeito à qualidade do pensamento dos homens que quando profundo penetra até as raízes do problema.

Para Dewey (1959) o ato de pensar reflexivo subtende consecutividade, continuidade ou ordem das sugestões. Para ele o pensar não dispensa a cadeia de sugestões, que não representa em si a reflexão, porque esta só ocorre quando é tão controlada que se torna assim uma seqüência ordenada que se direciona a uma conclusão.

Sobre a análise da construção da capacidade de pensar do ser humano e métodos de melhor desenvolvê-lo, Dewey (1959) ainda afirma:

[...] o problema de método na formação de hábitos de pensamento reflexivo é o problema de estabelecer condições que despertem e guiem a curiosidade; de preparar, nas coisas experimentadas, as conexões que, ulteriormente, promovam o fluxo de sugestões, criem problemas e propósitos que favoreçam a consecutividade na sucessão de idéias (p. 63).

Para ele os métodos não deverão levar jamais a mecanização do pensamento, elemento fatal ao desenvolvimento da capacidade de reflexão do ser humano. A mecanização restringe-se apenas a habilidade de execução que cerceia o desenvolvimento das atividades reflexivas. E sobre essa relação entre capacidade reflexiva e irreflexiva ele observa:

A verdadeira liberdade, em suma, é intelectual; reside no poder do pensamento exercitado, na capacidade de virar as coisas ao avesso, de examiná-las deliberadamente, de julgar se o volume e espécie de provas em mãos são suficientes para uma conclusão e, em caso negativo, de saber onde e como encontrar tais evidências. [...] Cultivar a atividade exterior irreflexiva e sem peias é favorecer a escravidão, pois a pessoa assim educada fica à mercê de seus apetites, de seus sentidos e das influências exteriores (p. 96).

Finalizaremos a exposição das compreensões de Dewey (1959) sobre o pensar reflexivo com a explicitação das cinco fases ou aspectos do pensamento reflexivo: 1 – as sugestões – idéia ou idéias que nos surge para uma possível solução; 2 – uma intelectualização da dificuldade ou perplexidade – o que fazemos com a sugestão – intelectualizar – como a usamos depois do seu súbito aparecimento como idéia; 3 – a idéia-guia ou hipótese – essa nos “orientará para mais observações, mais fatos, para saber se o novo material é o que a hipótese pretende que seja” (p.115); 4 – o raciocínio – ajuda a ampliar o conhecimento, tem o efeito de uma observação profunda, é, pois, o exame mais completo da sugestão; 5 – verificação da hipótese pela ação – é uma espécie de prova, uma verificação experimental da conjectura.

Essas fases não são fixas. O pensamento reflexivo, portanto, ainda envolve, segundo Dewey (1959), uma previsão, uma antecipação ou uma predição que na sua opinião poderia ser considerado um sexto aspecto ou fase, “[...] toda sugestão intelectual ou idéia é antecipadora de alguma possível experiência futura” (p.121).

Uma atividade reflexiva envolve uma situação pré-reflexiva que corresponde à origem da questão que deve ser resolvida, isto é, uma situação embaraçosa, perturbada ou confusa no início e finalmente uma situação pós-reflexiva que representa a situação esclarecida, unificada e resolvida, uma experiência de domínio, satisfação ao afinal. Por fim, “[...] a função do pensamento reflexivo é, por conseguinte, transformar uma situação de obscuridade, dúvida, conflito, distúrbio [...], numa situação clara, coerente, assentada, harmoniosa” (p.106).

Este caminho percorrido pelo autor em análise possibilitou estudos posteriores que passaram a definir o professor como "prático reflexivo". Nessa perspectiva, o professor é concebido como agente de formação, da sua própria formação e da formação dos alunos. Para si uma auto-formação que poderá emergir da sua própria prática, uma prática reflexiva.

Do pensamento reflexivo de John Dewey às atuais compreensões da prática docente

reflexiva

As formulações de John Dewey sobre o pensamento reflexivo, resultante da distinção entre o pensar como rotina e o pensar reflexivo, vão fundamentar a visão de formação de professores que busca romper com a racionalidade técnica e assim propor o conceito de professor reflexivo.

Marcondes (1997), ao analisar a prática reflexiva, com certeza, tendo como referência o americano Donald Schön, principal influência entre nós, afirma que:

[...] O movimento no sentido de encarar os professores como práticos reflexivos é também uma rejeição de reformas educacionais concebidas de cima para baixo que vêem os professores apenas como implementadores de programas e de idéias formuladas por "experts" em seus gabinetes, desconectados dos problemas do dia-a-dia de nossas salas de aula (p.36).

Essa idéia traz consigo o reconhecimento de que os professores possuem saberes, crenças, teorias que podem ser importantes para o aperfeiçoamento do ensino, para o seu desenvolvimento enquanto profissional da educação. Por isso, parafraseando Nóvoa (1992), destacamos que é na formação docente, processo contínuo, que se produz a profissão docente. É nesse contexto que acontece a profissionalização do professor. No processo de formação "[...] os professores têm de se assumir como produtores de 'sua' profissão" (p.28).

Já Alarcão (2001), analisando os professores como profissionais reflexivos, observa que, para que eles se tornem reflexivos, é preciso que as escolas tornem-se reflexivas. A escola reflexiva é, segundo Alarcão (2001), o lugar onde o professor aprende, é uma escola pensante, uma escola que ao se organizar se qualifica. Em síntese ela define a escola reflexiva como "a organização que se pensa a si próprio - na sua missão e na sua organização - e que se avalia - tem uma atitude investigativa e avalia-se em seu processo" (em entrevista concedida a BADEJO, 2002, p.21).

A escola reflexiva conduz o professor ao desenvolvimento profissional. Acreditamos ser pela reflexão que o professor conhecerá a si próprio, questionará a si mesmo. Assim compreendemos a reflexão, como capaz de permitir que o professor aprenda com sua prática, recusando a "tornar-se coisa" (HABERMAS apud ALARCÃO, 2001, p.25) para então buscar a sua autonomia.

Garcia (1992) diz que para falarmos em ensino reflexivo e de professores reflexivos precisamos pensar que, mesmo levando em consideração predisposições pessoais, atitudes individuais, podemos encontrar um conjunto de habilidades cognitivas e metacognitivas que os professores devem dominar para concretizar o ensino reflexivo. Citando Pollard e Tann (1987) ele descreve seis destrezas necessárias ao ensino reflexivo. Resumidamente são as seguintes destrezas:

1. empíricas: ligadas à capacidade de diagnóstico no nível da sala da aula e da escola como um todo;
2. analíticas: necessárias para analisar dados, para construir teoria;
3. avaliativas: que se aprendem com o processo de valoração, dos juízos emitidos sobre as conseqüências educativas dos projetos;
4. estratégicas: ligadas ao planejamento da ação e à antecipação da sua implantação;
5. práticas: capacidade de relacionar análises com a prática, fins com os meios para

obter um resultado satisfatório;

6. de comunicação: os professores necessitam de comunicar, de partilhar suas idéias com outros colegas: trabalho coletivo (GARCIA, 1995, p.61).

Percebemos até agora o valor de uma educação reflexiva, de um ensino reflexivo e dentro desse quadro a significativa contribuição de Dewey, pois é a partir dele que essas discussões são iniciadas. Mas, o que é necessário para que o professor assuma a postura de prático reflexivo? De acordo com Garcia (1992), o ensino reflexivo exige do professor algumas atitudes que são: uma mentalidade aberta, responsabilidade e entusiasmo². Essas atitudes conduzem-no à aquisição de um pensamento e de uma prática reflexiva.

Como se processa essa reflexão? Uma interrogação salutar já que, até o momento nos detivemos a aprofundar o conceito de pensar reflexivo tomando como referência inicial Jonh Dewey. Porém, uma vez feita essa definição, um problema nos é apresentado: de que forma essa reflexão acontece, de que forma ela poderá ser assumida na prática pedagógica do professor?

Garcia (1992) destaca que ela poderá assumir quatro formas: a primeira ele denomina de introspecção, implica uma reflexão interiorizada, pessoal em que os professores reconsideram seus pensamentos e sentimentos ao longe da prática cotidiana. A segunda forma é o exame que faz referência a acontecimentos, ações que ocorrem ou que venham a ocorrer no futuro. A indagação será a terceira forma. Ela está relacionada com a investigação na ação permitindo aos professores analisar sua prática no sentido de melhorá-la. A quarta e última é a espontaneidade, a que está mais próxima da prática. Donald Schön (1992) denomina-a de reflexão-na-ação, pois direciona-se aos pensamentos dos professores durante o ato de ensinar. O "refletir - na - ação" percebido por Schön (2001) deve ser seguida por outro nível de reflexão, bem mais aprofundado, que ele chama de "reflexão-sobre-a-reflexão-na-ação".

Até o momento tentamos esboçar aquele que consideramos o caminho necessário a ser percorrido pelo professor reflexivo, pelo prático reflexivo - aquele que aprende fazendo. "Este aprender no fazer em situação de interação significa a prática reflexiva construindo o saber da experiência" (THERRIEN, 1997, p.10).

A multiplicidade dos saberes, investigados e analisados, certamente, trará um novo olhar sobre a escola e, em consequência, propostas de novas práticas pedagógicas que valorizem o saber da experiência, enquanto "capital simbólico" dos seus usuários. Compreendo que o conhecimento é o enfrentamento do mundo realizado pelo ser humano que só faz plenamente sentido na medida em que o produzimos e o retemos como modo de entender a realidade [...] (LUCKESI apud MATOS, 1997, p. 72).

Diante do quadro esboçado, é correto afirmar que a escola e os sujeitos que dela participam possuem uma cultura que precisa ser desvendada, compreendida. E essa ação desveladora contribuirá significativamente com o processo de formação docente.

2. Essas atitudes registradas por Garcia (1992) são reconhecidas inicialmente por Dewey em seus trabalhos. Considerações Finais
Garcia diferencia e assim apresenta: 1 – mentalidade aberta; 2 – responsabilidade e 3 – entusiasmo. Para dewey (1959) são: espírito aberto, de todo coração e responsabilidade. Elas já foram citadas e analisadas anteriormente segundo as compreensões de Dewey.

Como esclarecemos anteriormente, a categoria reflexão se encontra presente nas atuais discussões sobre a formação de professores, constituindo-se em elemento central das novas perspectivas que buscam resgatar o professor como sujeito da práxis pedagógica, o espaço escolar como *locus* de formação entre outros importantes aspectos.

Em Dewey encontramos um dos precursores na análise do pensamento reflexivo vinculado ao aprimoramento da prática docente, que ao nosso ver torna-se uma via de mão dupla, pois enquanto desenvolvemos a capacidade reflexiva dos educandos, desenvolvemos também a nossa capacidade de refletir e, a partir daí, podemos superar as condições de mero aplicadores de soluções definidas pela ciência e encontrar, pela reflexão da prática, a superação da racionalidade técnica que não dá conta das situações de impasses tão presentes no cotidiano escolar.

Percebemos, também, em Dewey, a valorização dos saberes da experiência que são os saberes a que primeiro recorremos durante a atividade reflexiva. E vimos que a reflexão tem a função de conduzir o pensamento em processo tendo em vista uma conclusão. A reflexão é, por conseguinte, um processo de pesquisa, de experimentação.

Finalmente não poderíamos deixar de observar que o pensamento de Dewey fundamenta-se no liberalismo e no pragmatismo e, por isso, sua ênfase é no sujeito individual. No entanto, concordamos completamente com Carvalho (1998) quando observa que não se pode negar sua grande importância, pois “a partir dele a reflexão começa a ter significado sistematizado para o trabalho dos educadores escolares, a ter, enfim, um estatuto de cientificidade” (p-74). É, portanto, inegável sua contribuição para os trabalhos atuais que buscam compreender e resignificar a formação dos professores e, por conseguinte, seu trabalho educacional.

Referências Bibliográficas

ALARCÃO, Isabel (Org.). **Escola Reflexiva e nova Racionalidade**. Porto Alegre: Artmed 2001.

BADEJO, Márcia Lúcia. Entrevista com Isabel Alarcão. **Revista Pedagógica Pátio**. Porto Alegre: Artmed, Ano VI, nº 23, p.20 a 23, 2002.

CARVALHO, Marlene Araújo de. **A Prática Pedagógica como Fundamento para se Repensar a Formação de Professores**. 1998. Tese (Doutorado em Educação), PUC – São Paulo.

CONTRERAS, José. **Autonomia de Professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

DEWEY, John. **Como pensamos**. 3 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1959.

GARCIA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: Nóvoa, Antonio (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MARCONDES, Maria Inês. O papel político do professor, dimensão de uma prática reflexiva. **Revista de educação AEC**. Brasília: AEC, v. 26, n° 104, p. 35 a 44, jul/set 1997.

OLIVEIRA, Marília Villela de. **Formação Continuada**: Espaço de Desenvolvimento Profissional do Professore e de Construção do Projeto da Escola. Tese (Doutorado em Educação), Piracicaba (SP), UNIMEP, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido e GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor Reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

SACRISTÁN, J. Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e Transformar o Ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHÖN, Donald A **Educando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

THERRIEN, Jacques. A natureza reflexiva da prática docente: elementos da identidade profissional e do saber da experiência docente. **Revista Educação em Debate**. Fortaleza (CE): UFC, n° 33, p. 5 – 13, 1997.